

A reescrita, na morte, da experiência de vida

Ana Maria Ramos Sanchez Varella

RESUMO: Relatar o que a mídia está produzindo ou reproduzindo sobre as pessoas velhas, principalmente o que elas fazem e o porquê de serem notícias nas categorias Valorização e Experiência de vida é o objetivo deste artigo, tendo os jornais impressos como focos de nossa análise.

Palavras-chave: Valorização; Experiência de vida; Pessoas velhas

Rewriting of life experience in death

ABSTRACT: *To report what the media is producing or reproducing about elderly people, especially what they do and why they are news in the Valuation and Life Experience categories is the purpose of this article, with printed newspapers as the focus of our analysis.*

Keywords: *Valuation; Life experience; Elderly people*

O objetivo deste capítulo é relatar o que a mídia está produzindo ou reproduzindo sobre as pessoas velhas, principalmente o que elas fazem e o porquê de serem notícias nas categorias *Valorização*¹ e *Experiência de vida*². Os jornais impressos são os nossos focos.

Essas categorias, agrupadas, ficaram em terceiro lugar no ranking total de categorias reunidas, com 279 notícias (14,3%), depois de Idade/Envelhecimento e Aposentadoria/Previdência. A análise aqui apresentada não dará conta de apresentar

¹ Valorizar: Adapt: do fr. valorisation – dar valor a (Cunha, p.810, 2001). Dar valor a, aumentar o valor de. Reconhecer qualidades, méritos, agir em respeito e exigir respeito, dar-se valor. (Ferreira, p.701, 2001).

² Experiência: experimento, prática, habilidade, latim experientia (Cunha, p.34,2001). Ato de experimentar, prática da vida, habilidade ou perícia resultante do exercício contínuo de uma profissão, arte ou ofício, tentativa (Ferreira, [Aurélio](#), p.306, 2001).

todas as reportagens recortadas sobre os assuntos em questão, daí a opção por se fazer um recorte que passará pela leitura apurada da pesquisadora e que analisará de forma geral o discurso que a mídia faz para essas categorias.

Um olhar e leituras atentos para levar ao leitor uma mostra do que foi apresentado nesses anos de pesquisa. Escolheram-se algumas reportagens e as separamos por áreas. Esse caminho foi escolhido após leitura minuciosa das matérias apresentadas. Essa escolha deu-se a partir da dificuldade encontrada para analisar o discurso utilizado em cada área e destaque.

No primeiro momento houve dificuldade em compreender e classificar os recortes relacionados a esta temática, o que demandou um debruçar-se nos próprios recortes para que dali se extraísse respostas às perguntas: O que é experiência de vida? Vida longa é sinônimo de qualidade de vida? Há diferenças entre experiência e valorização de vida?

À medida que se lia as reportagens, buscavam-se maiores esclarecimentos sobre as diferentes áreas do conhecimento que a mídia apresentava a partir dos mortos que, na maioria das vezes, enaltecia. Essa proposta permitiu aberturas de sentido e enriquecimento, principalmente porque cada reportagem traz o olhar de diferentes profissionais da mídia, o que já seria motivo para mais uma pesquisa. Olhares diferentes, escritos por pessoas diferentes, um desafio pautado na leitura, análise e pesquisa.

Sabemos que vida longa não é sinônimo de qualidade de vida. Mas a reedição de biografias de mortos pela imprensa nos leva a pensar que o envelhecimento deve ser um acrescentar de aprendizagens aos anos vividos e o desejo e a capacidade de viver aprendendo são inerentes à existência humana. Estes não estão ligados ao processo de envelhecimento, mas à capacidade que algumas pessoas têm de acrescentar aprendizagens às experiências vividas para o seu desenvolvimento.

O indivíduo investe em si mesmo, cria oportunidades para o seu crescimento e reflete em relação às suas escolhas a partir de leituras de outras vidas. Momentos de reflexão podem levar o ser ao desenvolvimento da sabedoria, pois ela pode ocorrer com maior probabilidade na velhice, uma vez que ela depende das experiências já adquiridas. Entretanto, estar velho não é condição suficiente para o surgimento da sabedoria. Mas ser “alguém público” e estar morto é condição suficiente para estar nas páginas dos

jornais, não nas notas de “Falecimentos”, mas em outras seções, muitos inclusive estampando as próprias capas dos jornais da cidade.

Foi assim que observamos que a valorização da vida feita pela mídia ocorre após a morte. A valorização também não é para qualquer ser mortal, apenas para aqueles ligados às artes em geral, como Audrey Hepburn (*Audrey Hepburn é eleita a mais bonita*). Uma das mulheres mais bonitas de todos os tempos, apesar de ter morrido em 1993, e nessa data comemoraria 75 anos, foi um dos destaques, pois encabeçou uma lista das 100 mulheres mais lindas eleitas por jornalistas e fotógrafos.

Morre Ann Bancroft, a Mrs Robinson, foi outra reportagem que mereceu destaque na mídia. Ganhadora do Oscar em 1962 por *O milagre de Anne Sullivan*, teve seu maior sucesso em *A primeira noite de um homem*. Considerada excelente atriz, fez vários filmes ao lado de seu marido Mel Brooks. Carreira de mais de 50 anos de papéis vividos no cinema, teatro e tevê. Interpretou praticamente todos os tipos, desde mãe coragem até a madre superior de um convento.

Em outra matéria a imprensa assinala que *A eterna musa de Cassavetes, Gena Rowlands, chegou a ser considerada substituta de Marilyn Monroe*. E sobre ela algumas linhas são dedicadas: Apesar da pele envelhecida, caminhava lentamente pelo corredor do Hotel Ritz. Mesmo tendo sido comparada a Marilyn, a atriz preferiu trabalhar nos filmes de pouco recurso. Suas personagens sempre foram tratadas com muito realismo.

Em relação à experiência de vida, a mídia impressa traz cineastas desconhecidos para geração atual mas que fizeram história. *Antônio Galante, cineasta, que começou a vida lavando banheiros, depois virou eletricitista e depois produtor*. Segundo a mídia *ele sabe das coisas*. A matéria faz referência à uma mostra ocorrida em São Paulo, para resgatar o cinema da Boca do Lixo, feito no centro da cidade nos anos 60 e 70 e que tinha Antonio Galante como produtor de filmes como *O Bandido da Luz Vermelha*.

Outro personagem que veio a público foi a atriz Georgia Gomide, com mais de 40 anos de profissão, hoje [2004] com 70 anos. No texto lê-se que *Fora da tevê desde 2004, sempre foi muito requisitada, embora tenha começado na tela por brincadeira*. Por ter sido eleita a mais bela esportista de São Paulo, aparecia muito nas entrevistas e começou suas aulas no teatro amador. Mesmo não recebendo convites para atuar na tevê, ela continua com seus projetos no teatro, ativa e vivendo a vida com arte.

Momentos precisos de Cartier-Bresson é o título de uma reportagem póstuma sobre o trabalho do francês, criador da mais importante agência de fotografias do mundo, Henri Cartier-Bresson, que morreu com mais de 90 anos. A matéria ressalta sua atuação profissional, apontando que ele conseguia manipular imagens, criava cenas que contavam história, em uma época em que o equipamento não era sofisticado, o que contava era a intuição do fotógrafo.

*Cartier-Bresson*³ é considerado, hoje, sinônimo de fotografia no século 20, embora não gostasse de ser fotografado. Teve exposições em Nova York e no Louvre mesmo quando a fotografia era considerada apenas registro técnico. Com sua morte há o reconhecimento: ele elevou a fotografia à condição de arte. A reportagem chamava a atenção do leitor para uma exposição, no Rio, que trazia *imagens produzidas e selecionadas pelo criador do gênero que mistura arte e jornalismo*.

Outra reportagem que destaca a arte, desta vez da literatura, tem como título “*Morre o escritor argentino Juan José Saer, escritor argentino, que morreu aos 67 anos*”. A matéria deu a conhecer ao público brasileiro um autor de contos, romances e ensaios, considerado um dos escritores mais importantes da literatura argentina. Sua obra foi considerada rica e variada de modo silencioso e foi deixado de fora dos grandes circuitos da publicidade literária.

Na ocasião de sua morte, Juan José Saer já contava com quatro de seus livros publicados em português: *Ninguém nada nunca* (1997), *A pesquisa* (1999) e *A ocasião* (2005), os três pela Companhia das Letras, e *O enteado* (Iluminuras, 2002).

“*Morre Eugênio de Andrade, um dos maiores poetas portugueses, aos 82 anos*”, é título de outra matéria, que traz para o leitor brasileiro um poeta reconhecido internacionalmente mas pouco lido nestas terras. A reportagem assinala que seus poemas eram breves, coloquiais, rigorosos, luminosos e que sua obra foi considerada uma das três melhores poesias portuguesas de todos os tempos. A matéria chama a atenção para o então presidente português Jorge Sampaio, para o qual a musicalidade das palavras do poeta revelava o mundo em toda sua fragilidade.

Eugênio de Andrade escreveu extensamente sobre a as alegrias da infância, juventude, sexualidade e morte. Ele começou a escrever nos anos 40 e parou poucos anos antes de morrer.

³ O jornalista Pierre Assouline escreveu a biografia sobre o fotógrafo francês, lançada recentemente no Brasil pela editora L&PM.

Os poemas de Cora Coralina, que teve o primeiro livro publicado aos 76 anos voltam a ser valorizados. A matéria chama a atenção do leitor para uma mulher que foi lançada no mundo da poesia na etapa da velhice e que agora ganha uma coletânea. A reportagem assinala que o museu Cora Coralina também passou por reformas. O tratamento que a universidade dispensou a sua obra também passa por revisões. O mais interessante dessa matéria é que fala o seguinte: *ela ousou falar de sexo e contrapôsi ciência e religião.*

Carlos Drummond de Andrade, em 1979, foi quem a lançou definitivamente no Brasil como uma grande poetisa. Cora⁴ viveu 96 anos, sendo 78 dedicados à escrita. Inúmeras foram as participações, condecorações, homenagens e prêmios recebidos.

Os políticos são personagens presentes nas páginas dos jornais na vida e na morte. Não seria diferente nos veículos impressos da cidade de São Paulo. Trata-se de Ronald Reagan, que tem seu destaque considerado pela mídia como um dos maiores estadistas do século 20, apesar de ter sido ator de cinema e ter tido pouca evidência como esportista. Foi um homem que acreditava na democracia e na livre iniciativa. Temas que o jornalismo ressalta em sua experiência de vida.

Outro político que mereceu, quando morto, destaque na grande imprensa foi Leonel Brizola. Com o título *Adeus a Brizola*, a matéria fala da homenagem póstuma ao político brasileiro, com um cortejo de 4 horas e com cerca de 10.000 pessoas que o homenagearam. Morto em 2004, aos 82 anos, foi o único político eleito pelo povo para governar dois estados diferentes (Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro) em toda História do Brasil. Exerceu também a presidência de honra da Internacional Socialista.

A mídia também traz histórias de vida. De vivos. *Arte em tela* é título de uma matéria que destaca a pintura da americana Jean Irwin Smith. Vida dedicada a pinturas, e que tem sua importância quando descobre a beleza das flores brasileiras. Retrata fielmente cores e texturas. A matéria assinala que a pintora ajudou também a construir o painel temático chamado *Epopéia Paulistana*, hoje instalado nas galerias da Estação da Luz (SP).

“O destaque a Tomie, a matriarca da grife Ohtake - A grande dama das artes trocou o hashi pelos pincéis, o sushi pela picanha”, trata-se de outra matéria que ressalta a vida de quem ainda está vivo. A reportagem assinala que ela completou 90

⁴ Cora Coralina frequentou somente o curso primário e recebeu o título "Honoris Causa" pela Universidade Federal de Goiás de doutora feita pela vida. Publicou quatro livros: *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, *Meu Livro de Cordel*, *Vintém de Cobre-Meias* *Confissões de Aninha* e um infantil: *Os Meninos Verdes*. Faleceu em 10/04/1985.

anos em 2003 e que não pára de produzir. Sua arte em gravuras não retangulares é um sucesso total.

Tomie é personagem muito presente nas páginas dos jornais paulistas. Para muito é considerada a “dama das artes plásticas brasileiras”. Sua carreira, hoje consagrada, foi construída ao longo dos últimos cinquenta anos, sempre marcada pelo eterno reinventar, estilo que lhe tem dado fama e reconhecimento.

Oscar Niemeyer recebe prêmio Imperial Japonês, é título de matéria que também reconhece a história de um grande arquiteto em vida. Ele foi um dos premiados entre os artistas que contribuem com o enriquecimento da comunidade européia. A notícia ressalta que Niemeyer é um dos poucos homens deste Brasil que realmente são valorizados por sua obra. Respeitado, quando partir deixará a sua marca por todo Brasil, que falarão por si.

A notícia de que o desenho *Pato Donald nasceu em 1934 e hoje tem 74 anos de existência*, também traz para os leitores a longevidade das ficções, só que aqui a notícia é que esta “história de vida” foi passando durante estes anos por reformulações. O desenhista Don Rosa, rejuvenesceu o personagem. Isto é, nem os desenhos animados escapam dos “bisturis” para se mostrarem mais jovens, como se a aparência corporal falasse mais forte do que as experiências de vida aqui trazidas.

O Brasileiro que guardava os Sinatras mais secretos, foi o título de uma matéria que falava da morte de Roberto Quartin, 63 anos. O texto chamava a atenção para sua morte quase despercebida, exceto entre seus amigos. Entretanto, provocou funda comoção na comunidade internacional dedicada a Sinatra. Roberto Quartin reuniu durante décadas um grande acervo a respeito da vida de Sinatra. A matéria encerrava dizendo que graças a pessoas como Quartin, que museus podem ser fundados para valorizar os grandes ídolos.

A pergunta que fica neste artigo é o que a mídia reproduz e valoriza nos seres humanos. O jornal O Estado de S.Paulo, enfatiza a questão do envelhecimento, porém suas reportagens são mais curtas e nem sempre privilegiam o contexto global da obra da pessoa citada.

Por outro lado, o jornal Valor Econômico, cuja vertente principal é texto sobre Economia, nos surpreende quando apresenta páginas inteiras que dão destaque às experiências de vida. Causa espanto, porque valoriza mais os cidadãos e suas vidas, do que jornais que têm um caderno especial para isso.

Outro ponto importante que esta pesquisa nos trouxe é por que depois que a pessoa morre sua vida recebe uma super valorização? Por que são encontrados valores que até então eram totalmente desconhecidos? São destaques às experiências de vida, mas na hora em que são apresentados ao público, seus protagonistas já não mais existem. A obra só tem valor quando seu autor morre? Será que depois de tantos anos a imprensa não poderia mudar sua “receita”? O que editar? Classificar? Biografar? Valorizar?

Ao observar as reportagens, uma das hipóteses levantadas é que são resgatadas memórias, fatos marcantes que colocam o indivíduo como um herói. Mas os escolhidos já “nascem” na escrita como heróis. A arte é sempre esse facilitador: artistas de filmes, tevê etc.

Com certeza alguns nomes citados nas reportagens nem seriam muito conhecidos se não fossem destacados pela mídia. Além disso, apesar de sua grande importância, é tão pouco conhecido do grande público. Mas o homem comum, este sim, não é apresentado. Não é trazido à tona pelos holofotes da mídia. Nem ao menos é mencionado. Continua na invisibilidade.

Se nem tudo pode ser contado, é preciso buscar experiências significativas para compreender o movimento da vida de cada ser apresentado nas reportagens. A redação também exige competência de expressão, complementa Josso (2004). Não se trata apenas de ter o que dizer, mas é preciso descobrir a forma do dizer. Aí também aparecem as argumentações e narrativas que nos convencem. Se todo texto pertence a categorias diferentes a gêneros de discursos diferentes, teríamos a possibilidade também de analisar de diferentes modos o que recolhemos para análise. Não se pode ignorar e nos contentar com o que foi apresentado.

Segundo Maingueneau (2005) não precisamos prestar atenção constante a todos os detalhes de todos os enunciados que ocorrem a nossa volta. Em um instante somos capazes de identificar um dado enunciado e nos concentrar em um número reduzido de elementos.

Se “experiências” são “experiências”, independeriam do ser estar vivo ou morto, de ser público ou não, porque o que fica são suas marcas. Mas ao que parece, as pessoas continuam valendo mais mortas do que vivas!

Esse foi um ponto fundamental quando se começou a analisar os artigos. À medida que a leitura seguia, a indignação crescia, até porque se desconhecia a história de vida de muitos que nos foram apresentados. Por que a receita do valorizarmos mais

os que vão dos que estão continua valendo em pleno século XXI? Será um eixo cultural?

Ao se ler alguns artigos sobre as histórias de vida, procurou-se isentar de uma análise discursiva arrogante, porém se faz necessário verificar o que a mídia tem apresentado e quais seus objetivos quando expõe as histórias do que já partiram ou que ainda desenvolvem suas atividades no dia-a-dia.

Talvez seja responsabilidade das próprias pessoas não darem tanta importância ao que vivem e fazem. Deixam de registrar o que fazem... depois somente quando “alguém da mídia” resolve destacá-las, é que suas histórias aparecem.

Por outro lado, por que a mídia não incentiva mais as valorizações humanas? Esta categoria poderia estar em primeiro lugar do ranking das categorias reunidas. Como buscamos um novo parâmetro para nossa sociedade que até então se satisfaz em ler tragédias e se contentar com elas, precisamos preparar nossos olhos e ouvidos para um novo movimento. A mídia impressa poderia dar mais “passos”.

Queremos outro tipo de sociedade. Desejamos sair da clausura que abafou nossa voz e nos afastou de valores tão fundamentais. Desejamos vibrar com conquistas humanas. Queremos ter exemplos para nossos filhos de construção e de desenvolvimento de valores. Somos partidários de uma sociedade reflexiva, mas que não perca de vista os valores humanos, que hoje parecem esquecidos.

Importante destacar que, segundo Rosemberg (2002), as marcantes criações que constituem legados e patrimônios da cultura e da história em diferentes campos de atividades humanas, foram realizadas por pessoas após seus 50 anos, em grande número entre 70 e 90 anos.

Este autor cita alguns nomes como: Aristóteles, Augusto Conte, Bach, Balzac, Cervantes, Lavoisier, Pasteur, Sócrates e outros. Demonstra também em sua reflexão que alguns desses já eram brilhantes mesmo antes dos 50. Rosemberg chama a atenção para a necessidade de se manter os neurônios ativos. Ele manifesta a idéia de que o quanto antes se deve escolher padrões de valores e lutar por eles. Rosseau já dizia que o homem só existe enquanto é útil à humanidade. Portanto, os que criam suas marcas vivem para sempre na memória e na cultura mesmo que a mídia não auxilie tanto nessa divulgação.

Em muitas das matérias a mídia destacou méritos que os personagens tinham enquanto vivos e jovens: beleza e sucesso. Foram raros os casos de valorização do eixo

encontrado na fase da velhice. A reportagem que se destaca como referência foi apresentada pelo jornal Valor Econômico sobre a vida de Cora Coralina.

Eles contam sobre sua vida, mostram-na como mais uma prosadora do que poeta, uma figura folclórica da velha senhora reconhecida escritora. Cora provavelmente, como sugere a reportagem, refutaria essa idéia, pois ela mesma afirmou que tinha medo da comiseração. “*O livro da velhinha, vamos dar palmas a ela*”, comenta Darcy França, que afirmou que toda essa movimentação em relação a seu nome já a deixaria feliz, pois foi uma mulher que nunca alimentou pretensões literárias no Brasil e acabou chegando a solo estrangeiro.

Tudo isso sem o apelo da mídia. Mostra que grandes valores caminham sozinhos e um dia podem chegar a ser reconhecidos.

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

JOSSO, Marie-Chistine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.

Data de recebimento: 20/12/2008. Data de aceite: 18/3/2009.

Ana Maria Ramos Sanchez Varela - Doutora em Educação. Mestre em Gerontologia. Especialização em Psicopedagogia. Especializada em Linguagem escrita e oral. Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Inglesa. Autora das obras: *A Comunicação Interdisciplinar na Educação*; *Envelhecer com desenvolvimento pessoal*; *Quinta série, um bicho de sete cabeças?* Pesquisadora fundadora do Grupo de Pesquisa LEC. E-mail: anamariarsv@hotmail.com